



Divulgação

hoje 59º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO
BRASÍLIA-PLANEJAMENTO URBANO+A PELE MOF



FIM DE SEMANA

Depois de quase ser cancelado, o **Festival de Brasília deu início à sua 59ª edição**, exibindo produções marcadas pela diversidade. **Confira os destaques.** Páginas 10 e 11

O cinema sobrevive

CRÍTICA TEATRO | MANDE NOTÍCIAS DO MUNDO DE LÁ



Assistir Arlete dialogando com um caixão remete-nos à sua primorosa performance na premiada 'A Partilha', de Miguel Falabella

Finitude rarefeita

Uma peça é uma série de ações, não trata da ação e nem descreve a ação, é a própria ação. A ação ocorre quando acontece algo que faz com que, ou permite que, uma outra coisa aconteça. Portanto, tomando como pressuposto que o texto dramático é concebido com vistas a sua materialização no palco por meio de atores,

essa modalidade literária, além de possuir aspectos peculiares, consequentemente requer também uma investigação criteriosa, tanto para sua compreensão como para uma possível fruição. A funcionalidade do texto teatral depende extremamente de métodos e técnicas específicas para o próprio teatro, como atesta David Ball, teórico e dramaturgo americano, autor do influente livro de análise

do texto dramático “Para Trás e Para Frente: Um Guia para Leitura de Peças Teatrais”. “Mande Notícias do Mundo de Lá” exibe uma dramaturgia pífia, a julgar pela narrativa pouco inventiva, onde a previsibilidade é constante, sem estabelecer elementos que coadunam com o âmbito teatral. Carlos Jardim envereda sua escrita sobre a consciência da morte, dos dissabores de envelhecer, adicionando humor diante de inúmeras

contradições, o que auxilia sua fabulação, apesar de não torná-la eficiente. Eulália Eugênia é uma mulher tomada de vida com pavor da morte e que depara-se com o velório da melhor amiga, Rosimere. Ao discorrer sobre lembranças e aventuras que viveram juntas, a ideia instiga, mas não alça voo por convergir em lugar comum. Por ser ampla e complexa, a terceira idade justifica um aprofun-

damento. Carlos Jardim conduz sua montagem de forma simplória. Marcas desvalidas não favorecem o talento de uma das maiores atrizes do país, mas alguns deslocamentos articulam uma dinâmica, pela qual o espetáculo ganha força. Vale ressaltar a direção de movimento de Roberta Serrado e Natacha Travassos, que norteiam e sustentam a corporeidade da intérprete. Em contrapartida, dona de uma trajetória exitosa, Arlete Salles abrihanta-se todo o tempo. Experiente e talentosíssima, aos 88 anos carrega seu primeiro monólogo com extrema segurança. Impressiona como seus estímulos corporais e vocais estão resguardados, mantendo a bela conexão com a audiência, como sempre. Os graves potentes, além dos rompantes de interpretação, que conceberam a dama da cena, são de uma exuberância ímpar. A atriz dança ao som da banda sueca Abba, diverte-se e inebria a todos com sua dramaticidade e timing cômico afinado. Assistir Arlete dialogando com um caixão remete-nos à sua primorosa performance na premiada “A Partilha”, de Miguel Falabella. Um esquite e cadeiras ambientam a cenografia do diretor. Blusa preta e saia plissada acetinada compõem o figurino de Antônio Rocha. Os efeitos lumináres de Sarah Salgado dialogam com a proposta. E Liliane Secco acerta na trilha sonora gerando interferências musicais delicadas e ao finalizar com a beleza de “Redescobrir”, na voz inconfundível de Elis Regina.

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Erosão em tempos digitais

“E Se Fôssemos Baleias?”, do Coletivo Teatral A Digna, acompanha uma trabalhadora de um centro de distribuição de uma gigante de tecnologia, consumida por jornadas de 12 horas, insônia e algoritmos. Após sonhar que é uma baleia, ela reage de forma inesperada à própria rotina e vê sua vida virar conteúdo viral. Com direção de Fernanda Raquel e dramaturgia de Victor Nóvoa, a peça discute a erosão do corpo no trabalho digital. Até o dia 27/9 no Sesc Copacabana. O elenco reúne Ana Vitória Bella e Helena Cardoso.



Epifania na cozinha

O conto “O Ovo e a Galinha”, da escritora Clarice Lispector (1920-1977) ganha transposição para o palco em montagem na qual Ana Hartmann encarna a própria escritora. Dirigida por Hartmann e Joana Medeiros, a peça preserva integralmente o texto publicado originalmente em 1964 e o atravessa com som, projeção e música ao vivo. Da observação de um ovo numa cozinha nasce uma experiência de epifania, silêncio e estranhamento. A peça permanece em cartaz até o dia 27 no Teatro Ziembinski, na Tijuca.



Diante de recomeços

Marcella Muniz protagoniza “Água Fresca para as Flores”, primeira adaptação latino-americana autorizada do best-seller da romancista francesa Valérie Perrin, que também teve versão para o cinema. Com adaptação e direção de Bruno Costa, o monólogo acompanha uma mulher que atravessa perdas, relações e recomeços sem abrir mão da delicadeza. A encenação investiga luto, maternidade, vínculos e resiliência, em uma narrativa de tom poético. A temporada foi prorrogada até 4 de outubro no Teatro Fashion Mall.



O chileno Malicho Vaca Valenzuela nunca sai do lugar. Sentado diante de um computador, com um mapa digital de Santiago aberto na tela, ele atravessa a própria cidade — e o próprio passado — sem levantar do assento. Essa viagem imóvel, nascida no confinamento pandêmico e consagrada em mais de 25 festivais internacionais, entre eles o de Avignon, abriu nesta quinta-feira (17) o FIL – Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens no CCBB Rio. Serão dez dias em que o prédio da Rua Primeiro de Março se transforma naquilo que o próprio festival promete ser: um portal de imaginários.

E o portal está largo. Em sua 23ª edição — o FIL existe desde 2003, inventado e dirigido pela dramaturga Karen Acioly —, o festival chega com um selo que poucas realizações cariocas exibem: em 2025, foi declarado Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial do Estado do Rio de Janeiro. Sob o tema “A Poética dos Imaginários”, ocupa todos os cantos do CCBB, dos três teatros à Rotunda, do cinema à Sala 26, com teatro, marionetes, circo, ópera, música, artes digitais e cinema. nesta edição o evento ganhou companhia de peso ao integrar a primeira Semana de Arte do Rio, iniciativa da Prefeitura que reúne festivais, exposições e intervenções no Centro até o dia 27.

“Reminiscência” é talvez o mais inquietante dos convidados externos. Vaca Valenzuela chama a obra de “objeto teatral não identificado”: um ensaio documental biográfico que costura boleros, histórias de família, amores anônimos e as cicatrizes da ditadura e do estallido social chileno. Do mapa de Santiago, ele desce da Via Láctea até a rua estreita onde três gerações de sua família viveram, perguntando se é possível cartografar uma memória.

Da Argentina vem “Con un kilo de harina”, prêmio de Melhor Espetáculo de Objetos na FETEN 2022: um ator, uma bancada de madeira e um quilo de farinha bastam para contar três gerações de migrantes, com a história de Giuseppe, 15 anos, no fio condutor.

E a Espanha manda “NIL”, premiado nos festivais de Titirijai e Batumi, em que uma mario-



O espetáculo chileno ‘Reminiscência’ abriu o FIL no Teatro I do CCBB Rio

O imaginário entre nós

Edição 2026 da FIL ocupa tetaros e espaços do CCBB Rio com espetáculos premiados do Chile, Argentina e Espanha e de várias regiões brasileiras



Con un kilo de harina (Argentina)



Azul (Brasil)

nete de fio de crista punk tenta desesperadamente abrir uma caixa — metáfora muda do ciclo obsessivo de que ninguém escapa.

Mas o que distingue esta edição é o volume da produção nacional, espalhado pelo nosso próprio mapa. Do Rio, “Azul” — vencedor do prêmio APCA de Espetáculo do Ano — acompanha Violeta, uma menina de 4 anos que busca se aproximar do irmão pelo único caminho que conhece: a música. A montagem

aborda o espectro autista pelo olhar infantil, sem didatismo. De São Paulo, “Grande Circo Grandevo” põe em cena uma trupe de circenses envelhecidos, obrigados a reinventar seus números a partir dos limites dos próprios corpos. De Santa Catarina vêm “O Velho Lobo do Mar”, aventura de marionetes num Atlântico perdido, e a comédia “Kasperl e a Cerveja do Papa”, sobre um frei beerrão, um mosteiro e uma visita indesejada. Para o público jovem, “Batalha Oroboro – rap, repente, resistência” cruza as batalhas de rimas do hip hop com o repente nordestino: no centro, Lyz, uma MC cega, e seu avô, poeta que migrou para São Paulo.

A música tem celebração própria: os 30 anos d’O Passo, método brasileiro de educação musical criado por Lucas Ciavatta, ganham dois momentos no festival, do Guarnicê d’O Passo, na Rotunda, ao Reencontro, com oito ex-integrantes dos grupos. E no domingo de encerramento, às 17h, sobe ao palco do Teatro 1 “Larilá”, leitura musicada de uma ópera infantil com libreto de Karen Acioly e partitura original de Arrigo Barnabé — a história de uma vendedora de mariolas e seu irmão João, com livro lançado durante a apresentação.

O digital ocupa a Sala 26 no fim de semana final: o Multimundos FIL reúne seis experiências imersivas de artes digitais, entre elas “Raízes Cósmicas”, de Crisia e Plínio Hit, e “Nova Fronteira”, de Dario Melo Maciel, que convidam o público a circular por universos onde imagem, corpo e percepção se tocam. No cinema, Mostra de Curtas Ibero-Americanos, em parceria com o IberCultura Viva, e mostra do cineasta Alan Minas sobre a infância, com bate-papos. A formação — marca do FIL desde sempre — vem em peso, do Colóquio Internacional de Marionetes, com representantes de Brasil, Chile, Portugal, Espanha e Argentina, ao projeto Observadores FIL, que leva estudantes de jornalismo da UFRJ a registrar o festival de dentro.

“A poética dos imaginários do FIL parte da compreensão de que nenhuma linguagem existe isoladamente: uma linguagem traz muitas outras dentro dela”, define Karen Acioly. “Uma imagem pode despertar um som, um gesto pode abrir uma narrativa, uma palavra pode provocar uma memória e criar novos mundos.”

SERVIÇO

FIL – FESTIVAL INTERNACIONAL DE INTECÂMBIO DE LINGUAGENS

Até 27/9

CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)

Programação completa: www.fil.art.br e www.bb.com.br/cultura

MIMO está de volta ao Rio em duas noites de shows gratuitos no Circo Voador



AFFONSO NUNES

A primeira guitarra daquilo que viria a ser o Tinariwen foi montada com uma lata de óleo, um cabo de vassoura e arame de freio de bicicleta, nos acampamentos tuaregues entre o Mali e a Argélia. Quatro décadas depois, o coletivo que fez do “desert blues” uma linguagem universal e ganhou um Grammy desembarca no Rio de Janeiro para fechar, no domingo, a programação musical da 9ª edição carioca do MIMO Festival, nos dias 19 e 20 de setembro, sob a lona do Circo Voador — com entrada gratuita, por ordem de chegada.

A edição, que integra a Semana de Arte do Rio com patrocínio da Prefeitura, reúne oito shows e DJ sets ao vivo e, em paralelo, o Festival MIMO de Cinema, instalado no Cine Santa Teresa, primeiro cinema do bairro e um dos últimos cinemas de rua remanescentes da cidade, onde serão exibidos 15 documentários musicais. A receita é a de sempre de um festival que, desde 2015, espalhou 66 edições por 16 cidades do Brasil e da Europa e juntou 2,1 milhões de pessoas: música, imagem e conversa ocupando o espaço público.

No sábado, o palco abre com o DJ Machintal e passa por Gabriela Leite, vencedora do Prêmio da Música Brasileira 2026 na categoria Melhor Lançamento Erudito, antes de Fernanda Abreu subir para celebrar os 30 anos de “Da lata” (1995), o disco que misturou funk carioca, disco, hip-hop e samba e transformou a mais carioca das cantoras em primeira-dama do pop de dança nacional. À meia-noite e meia, é a vez de Tiken Jah Fakoly, a voz mais incômoda e luminosa do reggae africano, direto da Costa do Marfim, levando ao palco as denúncias e esperanças que o gênero sempre carregou. A madrugada fica por conta da norte-americana DJ Reborn, DJ oficial de Lauryn Hill, num set que atravessa hip-hop, soul, funk e sonoridades da diáspora africana.

O domingo começa mais cedo, às 18h, também com Machintal, e traz logo o encontro instrumental

O festival do intercâmbio

Divulgação



TINARIWEN (MALI)



FERNANDA ABREU



TIKEN JAH FAKOLY (COSTA DO MARFIM)



CAPICUA (PORTUGAL)

potência cultural do Rio e do que a cidade merece. O MIMO chega com uma programação forte, reunindo grandes artistas do Brasil e do mundo, e estamos muito felizes em fazer parte desse movimento que coloca a arte e a cultura no centro da cidade”, afirma Lu Araújo, idealizadora e diretora do MIMO Festival.

No Cine Santa Teresa, a programação paralela cobre dois dias de sessões às 16h, 18h e 20h, com documentários que vão de samba de roda em Pernambuco (“Samba de Latada”, de Josildo Sá) e bregues na Bahia (“Bregueragem”) a retratos de figuras centrais da música brasileira como Letieres Leite (“As Travessias de Letieres Leite”), Dona Onete (“Dona Onete — Meu Coração Neste Pedacinho Aqui”) e Baby do Brasil (“Apocalipse Segundo Baby”), além de “Duque de Caxias, o Albergue do Rock” e “Black Future, Eu Sou o Rio”, sobre a cena carioca.

SERVIÇO

MIMO FESTIVAL*

Circo Voador (R. dos Arcos, s/nº, Lapa)
19/9 - 20h: DJ Machintal, 20h30: Gabriela Leite, 21h30: Fernanda Abreu, 23h30: Tiken Jah Fakoly (Costa do Marfim) e 1h: DJ Reborn (EUA)
20/9 - 18h: DJ Machintal, 18h30: Bianca Gismonti & Manuel de Oliveira (Brasil/Portugal), 20h: Capicua, com participação especial de Emicida (Brasil/Portugal) e 22h: Tinariwen (Mali)

*As sessões do Festival MIMO de Cinema acontecem no Cine Santa Teresa, às 16h, 18h e 20h Grátis

entre a pianista brasileira Bianca Gismonti e o violonista português Manuel de Oliveira — diálogo de cordas e teclas que o MIMO sabe montar como poucos. Às 20h, Capicua apresenta seu show com participação especial de Emicida, retomando no palco uma parceria

de longa data que já rendeu faixas memoráveis no projeto “Língua Franca”, confirmando como o português daqui e de lá rima melhor juntos. Encerra a noite, às 22h, o Tinariwen, formado em 1979 no Saara, cujo tishoumaren — guitarra elétrica sobre ritmo tuaregue, blues

de deserto com relatos de exílio e rebelião — inspirou uma geração inteira de músicos do norte da África.

“Voltar ao Rio de Janeiro a convite da Prefeitura do Rio, agora para integrar a Semana de Arte do Rio, é uma grande alegria. É uma iniciativa de grandes dimensões, à altura da

Matheus Rubim/Divulgação

Youri Lenquette/Divulgação

Divulgação

Cravados de psicodelia, soul e funk

Em turnê pelo Brasil, a banda estadunidense The Main Squeeze apresenta nesta sexta, no Manouche, as canções de seu mais novo álbum, 'Panorama'

AFFONSO NUNES

Antes de virar nome de destaque nos cartazes de grandes festivais de seu país, o The Main Squeeze foi uma banda de campus: os cinco integrantes se conheceram na Universidade de Indiana, em Bloomington, no coração do Meio-Oeste dos Estados Unidos, e foi por lá que lapidaram o funk que os levaria, anos depois, aos palcos de Bonnaroo, Electric Forest e Firefly — além das turnês com George Clinton & The Parliament Funkadelic, String Cheese Incident e Umphrey's McGee.

O grupo desembarca nesta sexta-feira (18) no palco intimista do Manouche em mais uma etapa da turnê brasileira de lançamento de "Panorama", seu quinto disco. Lançado em 2025, o trabalho é descrito pelo próprio grupo como o mais ambicioso até aqui. Os sintetizadores etéreos que costuram as canções dão ao funk-rock de sempre uma pele mais atmosférica, quase psicodélica, uma evolução que o guitarrista Max Newman descreve como sônica, espiritual e de alma. "Descent", a faixa de abertura, mergulha o ouvinte num vale de teclados antes que a voz de Corey Frye — intérprete de arquétipo soul, do falsete mais agudo ao roque mais rasgado — retome o controle da pista.



The Main Squeeze começou como uma banda universitária no Meio-Oeste dos EUA

Se a química em cena é antiga — são mais de mil shows desde 2009 —, foi durante a pandemia que o grupo ampliou seu raio de alcance. Refugiada na Squeeze House, casa que virou ponto de encontro de fãs e convidados especiais em Los Angeles, a banda

transformou transmissões ao vivo e cortes no TikTok em fenômeno de audiência, a ponto de angariar elogios de veículos como Rolling Stone, NPR, Relix e Wonderland. O material audiovisual que acompanha "Panorama" segue nessa linha: uma performance registrada

no deserto de Mojave, na Califórnia, em que as paisagens áridas fazem contraponto ao soul quente e dançante do quinteto formado por Corey Frye (voz), Max Newman (guitarra), Ben "Smiley" Silvestein (teclados), Rob Walker (baixo) e Reuben Gingrich (bateria).

SERVIÇO

THE MAIN SQUEEZE
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 — subsolo da Casa Camolese) | 18/9, às 21h
Ingressos: R\$ 390 e R\$ 195 (meia e ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação a comunidades carentes)

O mestre da guitarrada

Manoel Cordeiro comanda domingo no Manouche o 'Baile do Papai' e recebe Kassin, Davi Moraes e Liah Soares

Antes de a lambada virar febre nos anos 1980, Manoel Cordeiro já rascunhava os acordes do ritmo nas cordas de sua guitarra. Neste domingo (20), às 20h, o mestre apresenta pela primeira vez no Manouche o "Baile do Papai", show que celebra a potência da música amazô-

nica e recebe Kassin, Davi Moraes e Liah Soares como convidados.

Filho de mãe cavaquinhista e pai guitarrista, Manoel aprendeu a tocar em casa, na Ilha de Marajó, e tornou-se um dos mestres da guitarrada — o baile eletrificado que emenda carimbó, brega e batidas

caribenhas com a guitarra no comando, uma das marcas da música amazônica.

O repertório deve puxar do material recente. Ano passado, Cor-

deiro lançou "Te Dou Um Norte", terceiro álbum solo em quase seis décadas de carreira, que atravessa carimbó, lambada, marabaixo, batuque, brega, marujada, sairé, boi-



Manoel Cordeiro volta aos palcos cariocas com novo show

-bumbá e zouk em arranjos onde a tradição popular conversa de igual para igual com a linguagem contemporânea. É o mesmo fio que costura a carreira desde "Manoel Cordeiro & Sonora Amazônia" (2015), cuja faixa "Asfalto Amarelo" encontrou as telas na trilha do filme "Pequeno Segredo". (A. N.)

SERVIÇO

MANOEL CORDEIRO - BAILE DO PAPAÍ
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 — subsolo da Casa Camolese)
20/9, às 20h
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia e ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação a comunidades carentes)

Angra revisita seu álbum mais emblemático

Turnê que celebra os 30 anos do mítico ‘Holy Land’ chega ao Vivo Rio nesta sexta (18), com o repertório do disco que projetou o metal brasileiro no mundo



Com nova formação, Angra revisita as faixas do álbum que projetou a banda no cenário global do power metal

AFFONSO NUNES

Lançado em 1996, “Holy Land” conseguiu a façanha de alcançar o topo do power metal mundial falando do Brasil. Segundo disco do Angra, o álbum conceitual amarra a narrativa da chegada dos portugue-

ses ao território brasileiro no século XVI a uma sonoridade que funde o peso do metal com carimbó, samba, percussões étnicas e arranjos orquestrais — o encontro indígena, africano e europeu virado riff, teclado e vocal.

Trinta anos depois, a banda volta aos palcos justamente para celebrar esse capítulo. Nesta sexta (18),

às 21h, no Vivo Rio, o grupo apresenta a turnê “Holy Land 30th”, que marca ainda o fim do hiato em que a banda havia se recolhido no início do ano.

Gravado quando o Angra era uma jovem banda paulistana formada por Andre Matos, Rafael Bittencourt e André Linhares, “Holy Land” levou o metal melódico a ou-

tros continentes e transformou “Carolina IV”, “Silence and Distance” e a faixa-título em faixas obrigatórias em todas as suas apresentações ao vivo.

O Angra que agora sobe ao palco tem Alírio Netto nos vocais, substituindo Matos (morto em 2019). Completam a a formação Rafael Bittencourt e Marcelo Bar-

bosa (guitarras), Felipe Andreoli (baixo) e Bruno Valverde (baixo).

“Em 25 anos, o Angra me permitiu dividir o palco com muitos artistas excepcionais, e isso continua com a chegada de Alírio”, resume Felipe Andreoli para quem o momento “conecta fases distantes da trajetória”. A formação atual, em plena atividade, revisita o disco faixa a faixa ao lado de clássicos da carreira, com espaço até para uma nova versão de “Make Believe”.

Na esteira das celebrações, a Voice Music relançou o álbum em edição especial com áudio remasterizado, slipcase e pôster, e um vinil duplo colorido chega às lojas em outubro.

Três décadas depois, “Holy Land” ainda é referência para entender a dimensão internacional do metal feito no Brasil.

SERVIÇO

ANGRA - HOLY LAND 30TH

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 — Parque do Flamengo)
18/9, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Bianca Gismonti leva seu piano à Acaso Cultural

A pianista e compositora Bianca Gismonti se apresenta na Acaso Cultural nesta sexta (18), às 20h. Com uma carreira iniciada aos 15 anos, acompanhando Egberto Gismonti em palcos pelo mundo, Bianca construiu uma trajetória entre trabalhos autorais, projetos em trio e o Duo Gisbranco, ao lado de Claudia Castelo Branco. Neste ano prepara novos projetos, entre eles “Tapeçaria e Percutante”.



Leo Aversa/Divulgação e Divulgação

Jonathan Ferr fecha a turnê ‘Experiência Cura’

Jonathan Ferr sobe ao palco do Manouche neste sábado (19), às 21h, para a última apresentação de “Experiência Cura”, show que mistura jazz, umbanda e MPB. Ele será acompanhado pelo o trio de cordas formado por Sarah Cesario (violino), Camila Pereira (viola) e Lúrian Moura (cello). O repertório reúne composições dos álbuns “Cura” (2021) e “Liberdade” (2023) e releituras de “Sino da Igrejinha” e “Gira Deixa A Gira Girar” e “Hallelujah”.



Renan Oliveira

Sacramento e Ojuara fazem o Circo sambar

O Circo Voador recebe nesta sexta (18) dois dos projetos mais badalados da cena carioca do samba. De um lado, o Samba do Sacramento, comandado por Marcos Sacramento (foto) e que tem reunido milhares de pessoas em cada edição, estreia o aguardado novo show, “Sambear”. De outro, Hugo Ojuara, artista por trás dos também concorridos Samba d’Ojuara, Baile d’Ojuara e Ramal 7, canta pela primeira vez na lona.



Victor Curi/Divulgação

Violoncelo e piano em rico diálogo musical

Em uma apresentação que reúne diferentes tradições e linguagens da música de concerto, o pianista Cristian Budu e o violoncelista Rafael Cesário se unem para o recital Atmosfera Sonora nesta sexta (18), às 19h, no Espaço BNDES. O programa reúne obras de Schubert, Beethoven, Villa-Lobos e Piazzolla, percorrendo diferentes universos sonoros, do classicismo europeu às sonoridades brasileiras e latino-americanas.



Divulgação

CRÍTICA LIVROS

GAIOLAS DE CONCRETO ARMADO

POR **OLGA DE MELLO** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

A prisão de um grupo privilegiado de cidadãos. Essa foi uma das classificações de Paula Novais para a vida de boa parte da população – na qual se inclui – durante a pandemia, quando, com filhas pequenas, cumpriu rigorosamente o isolamento social. Do temor de morrer de Covid-19 nasceu “Gaiolas de Concreto Armado” (Dublinense, R\$ 68), seu primeiro romance, que torna o Rio de Janeiro, com sua violência inerente ao cotidiano da população, quase um personagem opressor da vertiginosa ação apresentada no texto.

Tocada profundamente pela devastação de quem “não contava com o mesmo esteio social e afetivo” que sua família, Paula Novais precisou escrever para “elaborar simbolicamente esse trauma coletivo”. Vencedor do prêmio Caminhos da Palavra 2025, o romance apresenta, através da protagonista Nerissa, uma megalópole que acolhe quem está disposto a romper com qualquer tipo de valor em nome da sobrevivência. A cidade compreende as novas regras impostas pelo poder paralelo dos milicianos enquanto Nerissa, que perdeu o emprego e uma bolsa de mestrado, deixa de lado valores morais para saldar sua dívida com o condomínio do edifício onde mora.

Nesse ambiente onde qualquer aproximação pessoal pode significar a contaminação com um vírus poderoso, a aliança de Nerissa



Divulgação
A autora mineira Paula Novais revela seu romance de estreia publicado após conquistar o Prêmio Caminhos de Literatura 2025

neiro, mas minha cultura familiar é mineira. Sempre dividi meu tempo entre os dois lugares, sobretudo na infância, esse chão que pisamos a vida inteira. Então, eu diria que sou híbrida, o que acredito ser muito bom para quem escreve. Justamente porque o forasteiro — ainda que um quase forasteiro — procura sempre ajustar o olhar, os ouvidos, para saber o que é necessário para se adaptar a uma cultura que não é a dele”, diz Paula.

A mineirice da escritora, que também trabalha como advogada, estaria em ser reservada, quase desconfiada, para alguns assuntos, mesmo havendo se apropriado da vivência carioca. Declara abertamente o amor pela exuberante natureza da cidade, pelo samba, botecos e o senso de humor, que alterna à angústia pelas notícias da violência urbana. “Ao mesmo tempo, já naturalizo algumas delas, o que é bem carioca”.

E é exatamente essa incorporação da violência ao dia a dia do morador da cidade grande que se torna rapidamente natural para os personagens. No prédio onde estão confinadas, Nerissa e Alzira percebem a agressividade dirigida aos que não podem ignorar os donos do poder. Brancas, de classe média, elas têm que contornar o incômodo cumprimento das ordens geralmente dirigidas apenas a quem vive nas favelas ou nos bairros mais distantes da Zona Sul. A pandemia é apenas mais uma prova de resistência diante de um presente tão incerto quanto o futuro.

com a pouco convencional vizinha Alzira é a resistência aos condôminos conformados em obedecer a imposições nem sempre justas do síndico, um agiota, que controla a rotina de empregados e moradores. Nenhum dos bem-delineados personagens foi inspirado em algum conhecido da autora: “Mas posso

dizer que se formaram a partir de um mosaico de experiências, cada personagem ganhando um fragmento desse mosaico carioca”, conta a escritora, que já havia lançado livros de contos e crônicas.

Transformar o Rio em elemento narrativo foi fruto de suas observações como moradora da

cidade, onde a mineira Paula vive desde criança. “Eu precisava falar do Rio de Janeiro e, sobretudo, de Copacabana, esse bairro que, de fato, parece ter vida própria. Grande parte do que Nerissa e Alzira enfrentam está atrelado às suas circunstâncias no contexto urbano. Fui criada no Rio de Ja-

A violência

nossa de cada dia

NA ESTANTE

POR **OLGA DE MELLO**

COMO LIDERAR EM TEMPOS DE IA

Em tempos incertos sobre mercado profissional diante de tanta automatização de funções, “Líder de gente & agentes: como decidir quando pessoas e agentes de inteligência artificial trabalham juntos” (Escreva, R\$ 119,90), de Alexandre Henrique Souza propõe uma nova perspectiva para gestores. O autor se debruça sobre a incorporação da inteligência artificial nos processos e estratégias de organizações públicas e privadas, propondo uma reflexão sobre escolhas, responsabilidade, discernimento e o papel humano diante da aceleração tecnológica. Para o autor, a velocidade do avanço tecnológico cria desafios que envolvem cultura, tomada de decisão, ética e gestão de pessoas.



DIÁLOGO GERACIONAL

Sucesso nos palcos cariocas que se transformou em série de televisão e em fenômeno editorial, vendendo mais de 250 mil exemplares na década de 1990, “Confissões de Adolescente” (Maquinaria Editorial, R\$ 49,90) ganha nova edição 34 anos depois de seu lançamento. Baseado nos diários da hoje psicóloga Maria Mariana, a nova edição é um convite ao diálogo entre duas gerações. A adolescente dos anos 1990 é hoje mãe de adolescentes, e agora se propõe a colocar esses dois tempos lado a lado, provocando a reflexão sobre o que mudou e o que permanece igual quando o assunto é primeiro beijo, primeira transa, primeira tragada, primeiro contato com a morte.



O PROSADOR DO DESERTO

“A pedra que sangra” (Tabla, R\$ 80), do líbio Ibrahim Al-Koni, mistura mitologia, espiritualidade e tradição oral em uma narrativa de rara intensidade poética, que faz do deserto protagonista de uma história sobre liberdade, pertencimento e os limites da condição humana. Nas montanhas do Saara, Assuf vive em comunhão com o deserto, guardando um dos últimos muflões selvagens, animal sagrado para os tuaregues. Quando caçadores estrangeiros atravessam as dunas em busca de sua presa, desencadeiam um confronto entre duas formas irreconciliáveis de habitar o mundo. Nascido em uma comunidade tuaregue, Al-Koni tem livros traduzidos em mais de 35 idiomas.



SEXTOU! UM DF DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

PROJETO

Gama Art Day

✳ O Gama recebe, neste sábado, 19 de setembro, a 2ª edição do Gama Art Day, festival gratuito com 12 horas de programação na Pista de Skate do Gama. A partir das 9h, o público poderá acompanhar workshops de grafite e danças urbanas, capoeira, campeonato de skate, intervenções artísticas, feiras de artesanato e HQs, gastronomia e ações de adoção de animais. Os shows começam às 17h, com Mixine, Degraff, Kids Grace, Lumma e Garage Fuzz. O evento conta com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF) e terá Libras, audiodescrição, áudio-guia e estrutura acessível.

Encontro de Artes

✳ O Encontro de Artes do Lago Oeste realiza, em 19 e 20 de setembro, uma programação gratuita de música e circo na Asproeste, no Lago Oeste. A agenda inclui oficinas de malabares, música e percussão, a apresentação “A Encantaria Libélica”, da Cia. Libélicas, e shows das fanfarras Pedra Fundamental, Tropicaios, Breguilhas Selvagens e Cumbias Psicodélicas. O projeto também oferece transporte gratuito entre a Rodoviária do Plano Piloto e a Asproeste, mediante inscrição. Realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF).

DeBanda

✳ Até sexta-feira (18), o Centro Educacional Jardins Mangueiral recebe 8 sessões de DeBanda, aula-show de César Lignelli com 23 instrumentos acoplados ao figurino. A programação terá mediação, debate e uma sessão com LIBRAS e audiodescrição.

EXPOSIÇÃO

“Aí A Porta Abriu”

✳ A Galeria Risofloras, na Praça do Cidadão, em Ceilândia, recebe de 16 de outubro a 10 de novembro a exposição inédita “Aí A Porta Abriu”, do artista Franq Feio. A mostra reúne máscaras, peles, berrantes, fotografias e materiais reaproveitados, além de experiências de montagem, nas quais o público poderá criar figuras com tecidos, maquiagem e outros elementos. A visitação é gratuita e terá Libras, audiodescrição e piso tátil. O projeto conta com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do



Gama Art Day ocupa o Gama com 12 horas de música

Divulgação



Divulgação

ILHÓ com mostra dedicada à formação de novos artistas

Distrito Federal (FAC-DF).

ILHÓ

✳ A Galeria A Pilastra, no Guarã II, recebe até 10 de outubro a 4ª edição da ILHÓ – Mostra de Novus Artistas, com trabalhos de Ayume Andrade, Camilla Monturil, Dara, Elias de Aquino, Fernando Igrejas e Katalina Leão. Com curadoria de Gisele Lima, Camila Netto e Melissa Alves, a exposição reúne produções de artistas em início de carreira e promove ações de formação e inserção no circuito da arte contemporânea. A programação inclui visita mediada,

roda de conversa e oficinas. A mostra tem entrada franca e classificação livre.

TEATRO

“Alinha Céu, Fiás da Terra”

✳ O espetáculo “Alinha Céu, Fiás da Terra” inicia circulação gratuita pelo Distrito Federal em setembro, com apresentações na Floresta Nacional de Brasília (FLONA), no dia 16, no Mercado Sul, em Taguatinga, no dia 19, e na Estrutural, em 26 de setembro. Criada pelo Duo Lianas, formado por Ana Nakamura e Ludmila Condé, e dirigida por



Amandis

Espectáculo “Alinha Céu, Fiás da Terra”

Roberta Martins, a obra combina circo, dança e ecofeminismo a partir de referências ao trabalho de mulheres do Cerrado. As sessões terão Libras e a apresentação no Mercado Sul também contará com audiodescrição. O projeto integra o Cerrado em Movimento e tem recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF).

Uma Noite na Ópera

✳ A Sala Martins Penna do Teatro Nacional Claudio Santoro recebe, em 27 de setembro, às 19h, a 4ª edição de “Noite de Gala: Nessun Dorma – Uma

Noite na Ópera”. O espetáculo, idealizado pela soprano Ariadna Moreira, terá como fio condutor a ária “Nessun Dorma”, de “Turandot”, de Giacomo Puccini. A apresentação reúne os solistas Ariadna Moreira, Thiago Arancam, Danielle Dumont e outros artistas. O repertório também inclui obras de Verdi, Bizet e Delibes. Os ingressos custam a partir de R\$ 50 (meia-entrada).

FESTIVAL

Sarau-Vá

✳ A Casa do Cantador, em Ceilândia, recebe no sábado (19) a

OPÇÕES DE LAZER

REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Divulgação

Livro de poemas "Trocadeiras e brincadinhos" circula por Brasília



Divulgação

Exposição imersiva "Aí A Porta Abriu" em cartaz na Ceilândia



Divulgação

Encontro de Artes do Lago Oeste tem fim de semana de música

2ª edição do Festival Sarau-Vá de Poesia. A programação começa às 17h e reúne mais de 40 poetas, além de DJs, rappers e artistas da cena cultural periférica do Distrito Federal. O evento terá três rodas de poesia com convidados como Mel Duarte (SP), Yastrícia (PE), Nelson Maca (BA) e Mileny (SP). Também haverá shows de Rapadura, Negra Eve e Cirurgia Moral, com participação do Atitude Feminina. A entrada é gratuita. O festival é realizado pelo Arsenal do Gueto com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF).

Brasília Moto Festival

✱ O Brasília Moto Festival (BMF) realiza sua edição de 2026 entre 17 e 20 de setembro, no Eixo Cultural Ibero-Americano, em Brasília. O evento reúne motociclistas, motoclubes, triciclistas,

colecionadores e entusiastas da cultura sobre rodas, com shows, praça gastronômica, feira de artesanato e atividades para o público. Entre as atrações musicais estão Milton Guedes, Tião e os Bravos e um show de rock com orquestra. A entrada é gratuita mediante doação de 1 kg de alimento não perecível. A programação começa às 16h na quinta e sexta-feira e às 10h no sábado e domingo.

LITERATURA

'Além do Vale da Lua'

✱ O livro infantojuvenil "Além do Vale da Lua", de Akemi Nitahara, com ilustrações de Adriana Cascaes, será lançado em 19 de setembro, às 17h, no Beirute da 109 Sul, em Brasília. A obra acompanha os adolescentes Thales, Naomi e Anita em uma viagem pela Chapada dos Ve-

deiros, onde encontram uma mulher indígena que lhes entrega muiraquitãs e orienta que sigam os amuletos. A aventura passa por referências indígenas, quilombolas e populares, incluindo o território Kalunga, em Cavalcante, e manifestações culturais brasileiras. O lançamento do livro tem entrada gratuita.

"Trocadeiras e brincadinhos"

✱ O livro de poemas "Trocadeiras e brincadinhos", de Telma Braga, com ilustrações de Mônica Smythe e projeto gráfico de Nelson Smythe, será lançado em Brasília no sábado (19), das 16h às 19h, na Bica's Cafeteria, em Águas Claras. A obra reúne poemas voltados a diferentes faixas etárias e terá programação com sarau, microfone aberto, sessão de autógrafos e bate-papo. O projeto, realizado com



Caio Santana

DF recebe "Noite de Gala: Nessun Dorma – Uma Noite na Ópera"

Diego Bresani



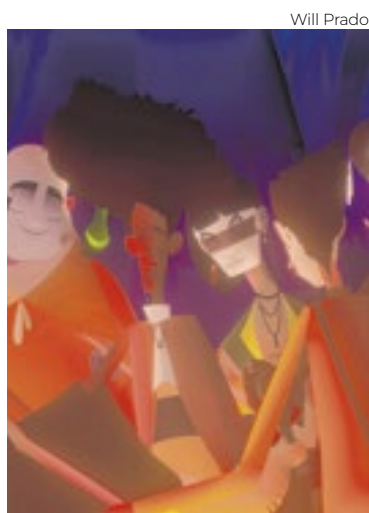
Uma banda inteira em um corpo só: DeBanda

recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), também promoveu ações educativas com Cristiane Sobral e Glória Kirinus. A programação inclui ainda versões acessíveis em Braille, fonte ampliada e audiolivro.

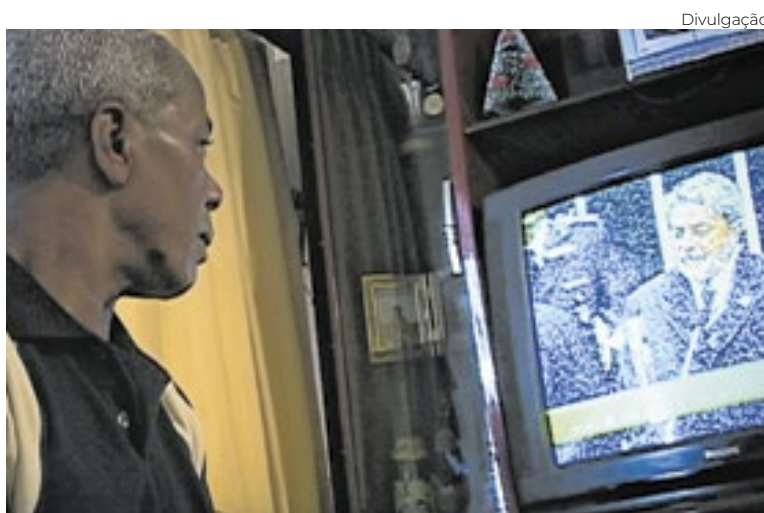
Bastidores e causos

✱ A obra literária "Casos e Causos da PGE-BA: entre prazos, cafezinhos e risadas", da jornalista Mara Santana, terá lançamento nacional nesta semana,

no Salão Nobre da Câmara dos Deputados, em Brasília. A sessão de autógrafos será às 17h30 e integra a programação do 4º Congresso Brasileiro de Comunicação Pública (Com-Pública), realizado de 16 a 18 de setembro. O livro reúne relatos reais e inusitados do cotidiano de procuradores e servidores da Procuradoria Geral do Estado da Bahia e foi publicada no mês de abril, em Salvador, em comemoração aos 60 anos da instituição.



Animação 2D 'Amadeo e o Hipotético Mundo Novo'



Doc retrata período político no Brasil entre 2000 e 2020



Johnny Massaro estrela a série 'O Delegado'

Cinema que

Depois de quase ser cancelado, o Festival de Brasília deu início à sua 59ª edição, exibindo produções marcadas pela diversidade. Confira os destaques:



59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro contou com 71 filmes

REYNALDO RODRIGUES

Especial para o Correio da Manhã

Com uma trajetória que atravessou seis décadas, o Festival de Brasília se consolidou como um dos principais espaços de exibição, debate e fomento do cinema brasileiro. Ao longo dos anos, o evento passou por diferentes períodos de dificuldade e manteve uma programação voltada à produção nacional e à diversidade de linguagens, temas e perspectivas presentes no audiovisual do país.

Depois de quase ser cancelado, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o mais antigo e tradicional do país, deu início à 59ª edição. O filme *A Pele Morta* foi um dos destaques da noite de abertura, realizada na última sexta-feira (11), no Cine Bra-



Série produzida por Kleber Mendonça Filho teve três episódios exibidos no Festival

sília. A cerimônia foi marcada por protestos, com vaías dirigidas à governadora do Distrito Federal, Celina Leão.

Dirigido pelos irmãos Denise Moraes e Bruno Fatumbi

Torres, com produção de Solange Moraes e roteiro de Daniel Tavares, *A Pele Morta* acompanha a trajetória de um caminhoneiro, interpretado por César Troncoso, e de seuaju-

dante, vivido por Luan Iturve, um jovem rapper guarani-kaio-wá, o longa deu o tom de todos os filmes exibidos até hoje, com destaque para a diversidade cultural do Brasil.

Homenagem

Outro destaque dos primeiros dias desta edição foi a homenagem à atriz Julia Lemmertz. Ela foi agraciada com o Troféu Candango de Conjunto da Obra. Na ocasião, Julia falou da importância do festival e do fazer cinema. "A gente precisa seguir contando histórias e preservando memórias". Em sua fala agradeceu a Jorge Durán, diretor de *Cor do Seu Destino* (1986), pelo qual foi premiada.

Primeira mão

A série "Delegado" foi exibida no último sábado (12), na Sala Vladimir Carvalho, no Cine Brasília. O público acompanhou três episódios da produção, que tem estreia prevista para 30 de outubro no Canal Brasil e na Globoplay. Dirigida pelos pernambucanos Marcelo Lordello e Leonardo Lacca, a série tem produção de



Filme de André Novais: *Se Eu Fosse Vivo...Vivia*



“Verão da lata” é o destaque de encerramento do Festival



Sertão do Rio Peixe

resiste!



Julia Lemmertz recebeu o Troféu Candango 2026

“A gente precisa seguir contando histórias e preservando memórias”

ATRIZ JULIA LEMMERTZ

Kleber Mendonça Filho e Emílie Lesclaux. A exibição também marcou o reencontro dos realizadores com o festival. Em 2007, Lacca recebeu o Candango de melhor direção pelo curta-metragem “Décimo Segundo”. Loredello também já participou da programação competitiva com longas e recebeu o Candango de melhor longa de ficção por “Eles Voltam” (2012), seu primeiro trabalho no formato.

Kleber Mendonça Filho e Emílie Lesclaux, à frente da Cinemascope, também mantêm uma trajetória ligada ao Festival de Brasília. No ano passado, “O Agente

Secreto” foi exibido na abertura da 58ª edição do evento e recebeu destaque na programação.

Espaço para animações

As animações também ganharam espaço na programação do 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, com filmes que abordam temas como memória, família, luto, identidade e diferentes aspectos da cultura brasileira. Entre os destaques estão Amadeo e o Hipotético Mundo Novo e Ana, em passant, produções que usam a linguagem da animação para construir narrativas ambientadas em



Longa de Fernanda Salgado combina animação com colagem

diferentes períodos.

Ambientado no Brasil escravocrata do século XIX, Amadeo e o Hipotético Mundo Novo parte de uma hipótese: e se um jovem africano tivesse inventado a câmera fotográfica antes dos europeus? Dirigido e roteirizado por Brenda Lúcia e Edu Felistoque, o longa acompanha Amadeo, personagem que utiliza sua invenção para registrar a realidade de seu tempo e contribuir para a luta pela libertação de pessoas escravizadas. A trama também inclui o romance do protagonista com a filha de um barão.

Já Ana, em passant, primeiro

longa-metragem da cineasta Fernanda Salgado, utiliza a animação para tratar de memória, família e luto. A história acompanha Ana, uma jovem que deixa Paris e viaja para Belo Horizonte em busca de informações sobre o passado da própria família. Ao percorrer esses espaços e lembranças, a personagem se aproxima de histórias e ausências que fazem parte de sua trajetória.

Momento político

O documentário Tudo é Tempo, dirigido, roteirizado e produzido por Marcos Guttman, também estreou na Mostra Com-

petitiva do Festival, com a presença do cineasta e do montador Arthur Frazão. Filmado ao longo de 20 anos, entre 2002 e 2022, o longa acompanha Carlos Eduardo Ibrahim, Fernando Pereira, Heber Cunha e Cristiane Magalhães Rosa, moradores do Rio de Janeiro que votaram na mesma seção eleitoral durante três eleições de Lula. A produção registra as mudanças nas trajetórias e nas convicções dos personagens ao longo do período. Guttman também participa do filme como narrador e personagem.

Destaque em Berlim

Depois de integrar a programação do Festival Internacional de Cinema de Berlim, realizado em fevereiro, Se Eu Fosse Vivo... Vivia, novo longa de André Novais Oliveira, chega ao Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. A passagem pelo evento alemão marcou um capítulo da trajetória internacional do diretor e da produtora Filmes de Plástico, que já tiveram trabalhos selecionados e premiados em festivais como Cannes, Locarno e Rotterdam. Ambientado entre os anos 1970 e os dias atuais, o filme acompanha Gilberto e Jacira, casal que atravessa cinco décadas de vida em comum. A internação repentina de Jacira desencadeia acontecimentos que misturam memória, amor, drama, comédia e ficção científica.

Sobre o Festival

Na Mostra Competitiva Nacional, o 59º Festival de Brasília reuniu sete longas e 12 curtas nacionais de diferentes estados. Entre os longas também estiveram presentes, Todo o Sentimento, de Ary Rosa e Glenda Nicácio (BA) e Sabes de Mim, Agora Esqueça, de Denise Vieira (DF), além de Pequenas Tragédias e Privadas de Suas Vidas. Os filmes foram escolhidos por curadores sob supervisão da direção artística. Os selecionados receberam cachês de R\$ 30 mil para longas e R\$ 10 mil para curtas, além de concorrerem a prêmios em dinheiro. A cerimônia será realizada no Cine Brasília, na sexta-feira (19), das 17h às 20h, comandada por Bárbara Colen e Simone Zucolotto.

ENTREVISTA | JOSÉ LUIS REBORDINOS

DIRETOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL DE SAN SEBASTIÁN

‘O impacto cultural de um festival é muito difícil de medir, embora seja enorme’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Assim que “Geister” (“Ghost Song”), de Fatih Akin, for exibido na manhã desta sexta-feira (18) estarão iniciadas as atividades idealizadas para a 74ª edição do Festival de San Sebastián, a última a correr sob o comando de Jose Luis Rebordinos. Numa decisão tomada em unanimidade pelo conselho gestor do evento basco, ele deixa a direção artística e passa o comando da maratona cinéfila para Maialen Beloki. A decisão não foi nenhum game of thrones e satisfaz os anseios pessoais desse curador, programador e pedagogo, nascido em Errenteria (quase na fronteira com a França), que arbitra sobre a organização das diferentes mostras da micareta audiovisual ibérica desde 2011.

Um diretor turco-alemão co-rodado com láureas de peso na Berlinale (onde venceu o Urso Dourado de 2004 com “Contra A Parede”) e Cannes (“Do Outro Lado” levou o prêmio de Melhor Roteiro, em 2007) é quem inaugura a corrida pela Concha de Ouro: Akin puxa um bonde que conta com o mineiro Gabriel Martins, o Gabito, no comando de “Vicentina Pede Desculpas”. Os rivais dele são do mais alto quilate estético, graças ao prestígio que Rebordinos manteve ao longo de sua administração.

Graças a ele, Donostia (nome de San Sebastián na língua local, o Euskara) apostou numa linha curatorial capaz de abraçar estéticas de invenção. Ele se pauta pelo risco e pela provocação política, mas, ao mesmo tempo, sua seleção traz narrativas comerciais (como “Coração Selvagem”, com Brad Pitt e um cão), sempre valorizando medalhões da Península Ibérica.



Pablo Gómez/- Crédito SSIFF

CONCORRENTES DE SAN SEBASTIAN

“Geister” (“Ghost Song”), de Fatih Akin (Alemanha)

“5 minutos más” (“5 More Minutes”), de Javier Ruiz Caldera (Espanha)

“7h40 ce matin-là” (“Milo”), de Nicole Garcia (França)

“Artakalan” (“What Remains”), de Yesim Ustaoglu (Turquia/ França/ Luxemburgo/ Bulgária)

“Bian jing” (“Border”), de Ah Biao (Hong Kong/ EUA/ Coreia do Sul)

“The Debut”, de Jesse Eisenberg (EUA)

“Garra du váimmu” (“Brace Your Heart”), de Amanda Kernell (Suécia/ Noruega/ Dinamarca/ Islândia/ Bulgária)

“Glaxo”, de Benjamín Naishtat (Brasil/ Argentina)

“Klux”, de Tony Vahl (Alemanha/ Polónia)

“El mal padre”, de Roberto Bueso (Espanha)

“Markens grøde” (“Growth of the Soil”), de Hans Petter Moland (Noruega/ Dinamarca/ Alemanha)

“Mis muertos tristes” (“My Sad Dead”), de Pablo Larraín (Argentina/ Chile)

“Les Misérables”, de Fred Cavayé (França)

“Muyou no hito” (“In My Father’s Room”), de Maha Harada (Japão)

“Sants” (“Saints”), de Mikel Gurrea (Espanha/ Itália)

“Tender Loving Care”, de Mike Leigh (Reino Unido)

“Vicentina pede desculpas” (“On Behalf of My Son”), de Gabriel Martins (Brasil)

Na entrevista a seguir, Rebordinos explica essa dinâmica ao Correio da Manhã.

Num momento em que mudam as formas de consumir cinema e mudam os financiamentos, a relação com as plataformas e até o mapa geopolítico europeu, o que Donostia precisa preservar a qualquer custo e o que precisa mudar para continuar a ser um festival essencial?

José Luis Rebordinos — Você me faz uma pergunta para a qual eu já não tenho resposta. É também por isso, entre outras razões, que deixo a direção do Festival. Para que venha uma diretora mais jovem, envolvida com o presente e com ideias para o

futuro do festival. De qualquer maneira, imagino um festival dinâmico, capaz de se adaptar, a cada momento, às mudanças que certamente continuarão acontecendo.

San Sebastián atravessou diferentes momentos da história política e cultural da Espanha e, ao mesmo tempo, ajudou a formar gerações de espectadores. Como o Festival contribuiu para construir um público para o cinema espanhol, tanto dentro quanto fora da Espanha?

O Festival de San Sebastián, que é o festival mais importante para a indústria cinematográfica de nosso país, acompanhou as diferentes transformações sociais e políticas

que foram acontecendo. Desse ponto de vista, San Sebastián foi um espaço fundamental para a exibição e a promoção do cinema espanhol e, em particular, do cinema basco. Também foi, e continua sendo, um lugar imprescindível para a troca de experiências e para a realização de negócios por nossa indústria. O cinema basco cresceu ao mesmo tempo que o festival.

Quanto custa hoje organizar uma edição do Festival de San Sebastián? Quantos empregos diretos e indiretos ele mobiliza e qual é o retorno econômico gerado para Donostia?

O festival tem um orçamento em torno de 11 milhões de euros. Isso inclui a edição realizada em se-

tembro, mas também atividades ao longo de todo o ano. Fazemos parte de uma escola de cinema, temos residências para projetos, programação cinematográfica e outras iniciativas. Ao longo do ano, somos 41 funcionários fixos. Durante o festival, passamos de 250. Segundo nosso último relatório de impacto econômico, em 2025 o Festival gerou um impacto de 47,9 milhões de euros. O impacto cultural e de imagem de um festival é difícil de medir, embora seja enorme.

Werner Herzog ganhará o troféu honorário Donostia, e poucos cineastas representam de maneira tão radical a ideia do cinema como aventura, risco e busca por imagens que ainda não existem. O que Herzog significa para você?

Significa o cinema em estado puro, a capacidade de arriscar tudo por uma ideia e uma paixão. Para San Sebastián, é uma honra imensa que ele tenha aceitado nosso reconhecimento. Difícil imaginar cineasta que mereça mais este prêmio.

Naomi Watts também recebe o Donostia, em honra a seus feitos. Sua trajetória é muito diferente da de Herzog, mas igualmente marcada por escolhas arriscadas e por colaborações com cineastas muito autorais. Comente essa opção.

Acredito que Naomi Watts seja uma das grandes atrizes do cinema atual. Trabalhou com alguns dos maiores diretores e arriscou muito, e com sucesso, ao longo de sua carreira. Reconheço que me apaixonei por ela quando vi “Cidade dos Sonhos” e, desde então, espero com emoção cada uma de suas novas interpretações.

Que filme fez você amar o cinema? E qual fez você amar o cinema espanhol?

Um dos primeiros filmes de que me lembro é um de Jesús Franco com o personagem Fu Manchu. Eu era muito pequeno, fiquei muito assustado e aquilo me fez perceber que o cinema era capaz de despertar em mim sentimentos muito diferentes. Mas, se falamos dos filmes que me marcaram, sem dúvida estão vários de Ingmar Bergman, como “O Silêncio” (“Tystnaden”), “O Sétimo Selo” (“Det sjunde inseglet”) e “Morangos Silvestres” (“Smultronstället”). Também nunca vou esquecer a primeira vez que vi “A Bela da Tarde” (“Belle de Jour”), que faz parte da minha educação sentimental. E há tantos e tantos outros... O cinema noir americano clássico, os filmes de animação do Studio Ghibli... A lista seria interminável.



RODRIGO FONSECA

Um dos campeões de bilheteria do atual cinema alemão, com prêmios conquistados em alguns dos maiores festivais do mundo, o teuto-turco Fatih Akin, vencedor do Urso de Ouro da Berlinale com “Contra a Parede” (“Head-On”), em 2004, inaugura nesta sexta-feira a 74ª edição do Festival de San Sebastián, no norte da Espanha. Aos 53 anos, o realizador abre a disputa pela Concha de Ouro com a estreia mundial de “Geister”, internacionalmente batizado “Ghost Song”, um romance sobrenatural sobre a possibilidade de o amor furar a fronteira da morte.

A sessão acontece no Kursaal, logo após a cerimônia de abertura, e marca a primeira vez em que Akin concorre ao prêmio máximo de San Sebastián (também chamado de Donostia, no dialeto local) com um longa-metragem que promete ser um ímã de lágrimas e de suspiros.

Há cerca de um ano, “Ghost Song” era ainda uma ideia em processo de escrita. No início de 2025, quando ganhou uma retrospectiva de sua obra na Caixa Cultural Rio de Janeiro, no Passeio, Akin conversou com o Correio da Manhã sobre o projeto enquanto finalizava “Uma Infância Alemã” (“Amrum”), então sua empreitada mais recente. Meses depois, esse drama histórico seria recebido com entusiasmo no Festival de Cannes. Agora, o cineasta troca a ilha alemã onde ambientou os ritos formativos de um garoto contaminado pela ideologia nazista por uma geografia menos material: aquela que separa vivos e mortos.

“Ghost Song” acompanha Farasha (Mariam Dawoud) e Faris (Eren M. Güvercin), dois jovens de 20 anos que se conhecem numa festa de formatura e se apaixonam à primeira vista. Naquela mesma noite, ela morre. A separação, porém, não é definitiva. Farasha descobre uma maneira de atravessar a fronteira entre os mundos e passa a encontrar o rapaz nos seus sonhos. O pacto tem prazo: serão apenas 40 noites. Durante esse período, uma paixão interrompida pela morte continua a crescer até ao encontro derradeiro. Carlotta von Falkenhayn e Gabriel-Winner Amorim completam o núcleo principal do elenco da produção alemã de 106 minutos.

É difícil não reconhecer nessa passagem entre mundos uma nova



Metafísica e paixão se misturam em ‘Ghost Song’ (Geister), do cineasta de Hamburgo com raízes na Turquia Fatih Akin (abaixo)

Um Fatih Akin espectral em Donostia

Vencedor do Urso de Ouro com ‘Contra a Parede’ e do Globo de Ouro por ‘Em Pedacos’, o diretor teuto-turco abre a 74ª edição do festival espanhol com “Ghost Song”, em concurso



Zaucke

manifestação de uma obsessão que acompanha Akin desde o início da carreira: fronteiras. Algumas são nacionais; outras, étnicas, religiosas, familiares ou sentimentais. Filho de imigrantes turcos e nascido em Hamburgo, ele fez dessa identidade repartida matéria-prima para uma filmografia em que personagens vivem permanentemente entre territórios. “Filmar na Alemanha, com a liberdade que filmo, é a minha definição de ser alemão. Se eu estivesse satisfeito com o país de onde venho, não seria cineasta. Filmo para reagir, sem o desejo de retomar caminho que já percorri”, disse Akin ao Correio.

Essa inquietação explodiu internacionalmente quando “Do Outro Lado” deu-lhe o prêmio de Melhor Roteiro em Cannes. “Em Pedacos” (“In the Fade”), com Diane Kruger, conquistou o Globo de Ouro de Melhor Filme em Língua Não Inglesa, em 2018. Já “Rheingold: O Roubo do Sucesso” (2022), inspirado na trajetória do rapper e ex-presidiário Giwar Hajabi, demonstrou sua capacidade de converter inquietações autorais em cinema de largo alcance popular. Lotou salas germânicas aos montes e fez fortunas.

“O meu sangue é turco, assim

como parte da minha identidade, que se formou vendo melodramas da Turquia na TV e vendo um VHS de ‘A Fúria do Dragão’, com Bruce Lee, dublado em alemão. Nesse caldo cultural, eu me criei”, explicou ao Correio. É uma formação que talvez ajude a compreender a elasticidade de sua obra: Akin pode transitar do melodrama ao filme de vingança, do relato histórico ao policial, da cinebiografia musical ao fantástico sem abandonar uma pergunta recorrente sobre o que significa pertencer a algum lugar.

“Ghost Song” parece deslocar suas investigações para um espaço metafísico. Se “Uma Infância Alemã”, que bombou no gosto da cinefilia brasileira, perguntava o que uma criança consegue compreender da História, o filme que abre San Sebastián questiona aquilo que um jovem apaixonado consegue fazer diante da irreversibilidade da morte. O realismo político cede espaço ao fantástico, mas permanece uma mesma atração de Akin por personagens que tentam atravessar limites que lhes foram impostos.

Há também continuidade na equipe. Akin assina o roteiro de “Ghost Song” com Ruth Toma, enquanto a fotografia é de Frank Griebel e a montagem fica a cargo de Andrew Bird, colaborador habitual do diretor. A trilha de Malakoff Kowalski está, inclusive, entre as 17 partituras da competição oficial candidatas ao prêmio de Melhor Música Original da Fundação SGAE no festival.

San Sebastián oferece agora ao cineasta uma distinção que ainda faltava no seu mapa de grandes certames. Ainda nesta sexta, o festival confere, em competição, “Os Miseráveis”, uma nova versão do patrimônio literário da França, com Vincent Lindon e Tahar Rahim sob a direção de Fred Cavayé. Neste fim de semana, a passagem de “Fucking Bastard”, em homenagem ao seu realizador, o alemão Werner Herzog, promete ser um dos pontos mais sublimes do evento, que adotou uma fotografia do argentino Ricardo Darín em seu pôster oficial.

Fotos/Janine Moraes



Longa que marca a estreia da escritora Conceição Evaristo como atriz combina crônica cotidiana e humor



Após temporada internacional “Se Eu Fosse Vivo... Vivia” é um dos destaques do Festival



REYNALDO RODRIGUES

Após passar por festivais como o de Berlim e o Internacional de Cinema de Cartagena das Índias, o longa-metragem “Se Eu Fosse Vivo... Vivia”, dirigido por André Novais Oliveira, chega ao 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. A produção da Filmes de Plástico combina crônica cotidiana, humor e ficção científica para abordar temas como amor, luto, memória e envelhecimento.

O filme acompanha um casal ao longo de cinco décadas e transforma a relação entre os personagens em uma narrativa marcada pelas lembranças e pelo afeto. O elenco tem a estreia da escritora Conceição Evaristo no cinema, no papel de Jacira, ao lado de Norberto Novais Oliveira.

O cineasta mineiro André Novais Oliveira recebeu com alegria a seleção de “Se Eu Fosse Vivo... Vivia” para o 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. A relação do diretor e da produtora Filmes de Plástico com o festival começou em 2011, quando o curta “Contagem”, dirigido por

De Berlim a Brasília, emoções ganham novas telas



“Se Eu Fosse Vivo... Vivia” é um longa de André Novais

Gabriel e Maurílio Martins, integrou a programação. “De lá para cá, tivemos a oportunidade de apresentar outras obras e fomos construindo uma história muito afetiva com o Festival”, relembra.

A trajetória da família com o evento ganhou outro capítulo em 2014, com a seleção de “Ela volta na quinta”. Para André, aquele momento marcou também a entrada dos pais e do irmão no cinema como atores. “Voltar agora, 12 anos depois, com um filme em que meu pai é o protagonista e que tem uma relação tão forte com a minha mãe, torna essa presença ainda mais especial”, afirma.

O suspense que veio do frio



Globo Filmes

Amparada pelas colegas Rose (Marina Sena) e Marina (Leandra Leal), a cientista Inês (Marina Ruy Barbosa) sofre violência na Antártida

Um mês depois de sua avassaladora passagem pelo Festival de Gramado, 'Antártida', superprodução da Globo Filmes em forma de longa-metragem, leva tensão, mistério e sororidade às telonas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Avalanche... essa é a melhor forma de descrever o impacto de "Antártida" sobre o Palácio dos Festivais de Gramado, onde foi exibido, no dia 14 de agosto, na abertura da caçada ao troféu Kikito, em uma projeção que rachou opiniões num ame-o ou odeio-o perfeito para esquentar a estreia comercial de uma ave rara em nossa forma de fazer thriller. Neste fim de semana, ele se lança ao público de todo o país. Neve assegura um mar de (aparente) alvura à produção de metragem longa mais audaciosa dos Estúdios Globo.

Escrito pela cineasta Claudia Jouvin (de "Um Homem Só"), idealizadora do projeto dirigido por Bruno Safadi (de "Meu Nome É Dindi"), esse suspense se passa nos confins gelados da Terra, mas suas locações são cariocas da gema.

Sua narrativa foi construída em um espaço estimado em 1.500 m², localizado no Rio de Janeiro, que conta com câmeras autotracking de alta precisão, recursos de Inteligência Artificial e Realidade Aumentada e cerca de 300 m² de telas

“*Ainda vemos muitas mulheres com dificuldade em solidarizarem-se umas com as outras, mas vejo um grande movimento de mulheres que se sentem cada vez mais fortalecidas e protegidas quando estão juntas***”**

CLÁUDIA JOUVIN

de LED, o que permitiu imersão na paisagem congelante - mesmo no calor carioca. A produção possibilitou a união do mundo real e do virtual de forma fluida, utilizando, além da tecnologia, imagens captadas na Patagônia através de câmeras 360 e cenários físicos.

Numa posição estratégica em seu estelar elenco vem Andrea Beltrão. Cabe a ela interpretar a subcomandante Elisabeth. Na Estação Comandante Diniz, na Antártida, a cientista especialista em Glaciologia Inês (Marina Ruy Barbosa) é vítima de um crime brutal. Isolados pelo frio extremo e sem possibilidade de resgate imediato, todos os homens da base se tornam suspeitos - inclusive as patentes mais altas, Comandante Barros (Antônio

Calloni, brilhante em cena) e o Capitão Vicente (Lázaro Ramos). Elisabeth (Andrea) assume ali a difícil missão de investigar o ocorrido, enquanto as demais mulheres da estação - Inês, Marina (Leandra Leal) e Rose (Mariana Sena) - se sentem acuadas e precisam se unir para enfrentar o medo, o silêncio e a violência. Ainda em cena estão Renan Monteiro, Gero Camilo, João Vitor Silva, Adélio Lima, Marcos de Andrade e Henrique Barreira.

"Este é um filme sobre a união de quatro mulheres. Apesar de viverem debaixo do mesmo teto, não têm, a princípio, uma relação de amizade, mas, perante um crime que poderia ter acontecido com qualquer uma delas, unem-se para

se protegerem e investigarem o que aconteceu com Inês", diz Claudia Jouvin, ao Correio, explicando que a premissa de "Antártida" partiu da notícia sobre o incêndio na estação brasileira em 2012, que a fez se perguntar como nosso povo lidou com o ocorrido.

Nessa amostragem de brasilidade, ela abre espaço para escancarar o câncer do sexismo: "Ainda vemos muitas mulheres com dificuldade em solidarizarem-se umas com as outras, mas vejo um grande movimento de mulheres que se sentem cada vez mais fortalecidas e protegidas quando estão juntas. Eu própria me sinto assim. O que acontece a uma mulher me toca diretamente", disse Jouvin, uma das responsáveis do que pode ser o próximo sucesso nacional de bilheteria, agora que "Minha Melhor Amiga" cruzou a marca de 2 milhões de tíquetes vendidos.

Betina Paulon, produtora-executiva do Núcleo de Filmes dos Estúdios Globo, define o longa dirigido por Safadi como um divisor de águas na emissora: "Antártida" simboliza um marco dos Estúdios Globo na produção de longas-metragens. Mantendo o compromisso de contar boas histórias brasileiras para diferentes plataformas, o filme

reúne ambição criativa, inovação tecnológica e, pela primeira vez, um lançamento cinematográfico em larga escala, nas salas de todo o país. É um feito que reforça a presença da Globo no cinema e demonstra a maturidade do Núcleo de Filmes em projetos de grande alcance.

Hoje um dos maiores distribuidores da América Latina, Marcio Fraccaroli, diretor geral da Paris Filmes, lança o longa sob os melhores augúrios. "Pra mim, 'Antártida' representa uma tentativa de procurar um gênero que não tenho na minha carteira de lançamentos. A Globo é uma grande parceira nessa busca por gêneros novos para o cinema. Quando falamos Globo, estamos falando do Estúdio Globo, de uma estrutura que também está disposta a correr riscos e fazer coisas não óbvias", explica Fraccaroli. "Hoje, não existe lugar seguro no mundo. O que funciona são histórias que param de pé e conectam o público".

Num momento climático de "Antártida", o quadro fotografado por Mauro Pinheiro Jr, com base na moldura estética de Safadi, é tomado pelo olhar perplexo da oficial Elisabeth, ao fitar uma base de pesquisa numa mirada similar àquela do "Anjo da História", de "Angelus Novus", quadro de Paul Klee (1879-1940). Esse poema plástico pintado pelo artista suíço-alemão traz o rosto assombrado de um querubim. Sua face sintetiza nos olhos amedrontados a sensação de desterro diante de um mundo profissionalizado no ofício do ódio. O voo desse ente celeste de Klee, com suas asas curtas, é uma expressão de tolerância esgotada: a capacidade que o Homem tem de brutalizar o próximo só cresce... é progressão aritmética de uma conta de exclusão que não fecha. O anjo de Klee não tem nada mais para dizer. A diferença entre ele e Elisabeth reside aí. Ela, que só fala com muita parcimônia, promete soltar o verbo numa hora crucial do longa como uma cartografia de sororidades em tempos (e em terrenos) de arame farpado. Nem adianta perguntar que hora é essa. Vá a um cinema perto de você conferir.

Uma excelência - a habilidade de gerar debate, em especial sobre a violência contra entes femininos - é indisfarçável no rol das virtudes desse exercício raro de nosso cinema pelos flancos do suspense investigativo (qual um bom "CSI"), numa genealogia onde se destaca o febril "Terra Selvagem" (2017), de Taylor Sheridan. A neve da superprodução nacional é algo que poucas vezes um filme nosso usou... e bem, fora "Soundtrack" (2017), do coletivo 300 ML (filmado no Polo de Jacarepaguá). Igualmente forte é a forma de Marina Ruy Barbosa jogar com o silêncio, apoiada na máscara trágica que seu resfolego diante da câmera produz. É uma atriz no gerúndio de sua potência, aqui testada sob vetores eletrizantes.

CRÍTICA FILME | RESIDENT EVIL

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Ao sair, aperte a tecla
'Continue' para pedir bis

Nem adianta procurar Alice, pistoleira que ampliou a popularidade de Milla Jovovich nas telas, na nova transposição de "Resident Evil" para os cinemas que será inútil. Também não cate os resquícios estéticos de Paul W. S. Anderson, diretor responsável por fazer do jogo uma franquia cinéfila das mais rentáveis, em 2002. O regresso, com orçamento estimado em US\$ 80 milhões, da saga, repaginada sob a grife autoral do cineasta Zach Cregger (da mina de ouro "A Hora do Mal"), corresponde a um verbo do jargão gamer: "zerar". Zeram-se as certezas. Fica o medo.

E dá arrepio paca, ver um entregador Bryan (Austin Abrams), fugindo por corredores de neve tão sinistros quanto os do hotel de "O Iluminado" (1980) para se salvar de pessoas que mordem e matam a dentadas. No "matam", ponha aspas, pois se trata de um zombie movie, um filão que tem como pai a alegoria política "A Noite dos Mortos-Vivos" (1968), de George A. Romero (1940-



Austin Abrams corre para sobreviver na inflamável nova (e politizada) versão de 'Resident Evil'

2017). O acerto maior de Cregger foi abrir brechas para que seu thriller de horror (e é de horrorizar mesmo) se politize, no olhar das mais variadas plateias.

Lançado originalmente no Japão como "Biohazard", em 22 de março de 1996, e celebrado no PlayStation, o primeiro "Re-

sident Evil" nasceu na desenvolvedora Capcom, pelas mãos de Shinji Mikami, a partir de uma encomenda do veterano mestre de games Tokuro Fujiwara. A ideia era ter um passatempo eletrônico sintonizado com a linha survival horror (narrativa horrífica de sobrevivência), na qual um perso-

nagem de arma em punho explorasse espaços ameaçadores como se fossem quebra-cabeças, numa permanente sensação de vulnerabilidade. Zumbis são o perigo. A saga com Milla, aberta por Anderson seguia uma narrativa épica padrão: Alice é a redentora que vai dar fim à Umbrella, empresa

que produziu um mar de defuntos canibais.

Apoiado na direção de fotografia nevrálgica de Dariusz Wolski (de "Piratas do Caribe" e "Perdido em Marte"), Cregger muda o eixo de narrar, larga qualquer tons de épica e investe em um suspense quase em tempo real no qual um zé-ninguém, o já citado Bryan, sem uma gotícula de heroísmo sequer na medula, foge, ao deus-dará, de predadores que o caçam sem motivo e só duram por durar... sem objetivo quem não comer.

É a alegoria perfeita para uma América que, nas mãos de Trump, hoje parece perdida, mas ainda selvagem e expansionista... como os zumbis da Umbrella, crias do capitalismo torto que só almejam tomar espaços. A falta de lastro dos EUA se materializa, no cinema, na falência do filão "super-herói", mesmo com a recente rentabilidade bilionária do último Homem-Aranha. A mitologia oferecida por videogames parece ser o nicho da vez. É hora de devorá-la, ainda que para espirrar sangue, num exercício de filme de gênero de destrezas técnicas notáveis.

CRÍTICA FILME | NO LIMITE DA JUSTIÇA

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Quase bons companheiros

Aparelhos ideológicos de vigília da correção política tornaram o cinema de ação uma sucata, a sobreviver dos músculos de Jason Statham, da cavalaria de Liam Neeson e do avatar Keanu Reeves. Quando se fala em filmes que abordam conflitos de gênese colonial (sobre racismo) e que não sejam calçados em tratados do Presente, o politicamente correto é igualmente feroz, vide o desmanche de que "Detroit Em Rebelião" (2017), de Kathryn Bigelow foi alvo.

Diante de um cenário muitos interditos, a coragem para se tirar um filme (vibrante) como "No Limite Da Justiça" ("By Any Means") do papel é louvável. Louva-se em especial seu prazer em dialogar com códigos de incorreção moral

na direção meticulosa do cineasta Elegance Bratton ("The Inspection"). Ele fez um espetáculo de adrenalina que se veste de thriller social, à maneira de "O Calor da Noite" (1967), mas encontra sua pulsação nas cartilhas da exploitation (termo que se emprega para produções B, de gênero, explorando filões como o vigilantismo de populações pretas, o levante de mulheres armadas, combates de caratecas de base asiática). É um "Shaf" com o ethos do "Mississippi Em Chamas" (1988) de Alan Parker (1944-2020), em sua recriação das práticas racistas dos EUA dos anos 1960, ligadas ao extremismo da Ku Klux Klan. Inspirado em episódios reais, revisitados pela pena do roteirista Sascha Penn, essa narrativa



Mark Wahlberg vive Gregory Scarpa com ares de Stallone Cobra

febril narra o que mudou na vida do agente do FBI Wayne Strider (Yahya Abdul-Mateen II), alvo

recorrente da intolerância branca, ao receber como parceiro Gregory Scarpa (1928-1994), um matador

da máfia que batia ponto entre os federais para aliviar sua barra de criminoso. Mark Wahlberg interpreta tal figura com um jeitão de Stallone Cobra delicioso, esbanjando testosterona e ódio pelo sistema e suas imperfeições. Eles se unem na investigação do assassinato do político Vernon Dhamer (Giancarlo Esposito). Na melhor lógica do "tira bom/ tira mau", Strider segue a ordem e acredita na palavra. Scarpa reza pelo credo da pólvora e abençoa seus desafetos com o toque de seu taco de beisebol. Regados pela partitura elegíaca e incendiária de Terence Blanchard, numa trilha sonora de embatucar tímpanos, "By Any Means" questiona até onde a legalidade pode oferecer caminho quando as próprias instituições se mostram incapazes de proteger aqueles que deveriam defender. Esse questionamento inflamável se constrói num eixo político, mas com carga de espetáculo. (R. F.)